

Reunião com os comprometidos**A honra que deve ser restituída**

14/5/82

— Presidente Samora Machel na interrupção dos trabalhos

O Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal Samora Machel, qualificou os dois dias de reunião entre a Direcção do Partido e do Estado com os comprometidos com o regime colonial-fascista, como uma escola nova, em que a personalidade moçambicana é restituída a cidadãos que se libertam definitivamente do seu passado, como parte integrante de um povo. Samora Machel falava quando os trabalhos da reunião tiveram de ser interrompidos, tendo então afirmado:

Estamos aqui a falar da nossa história; história do povo moçambicano; história de cada cidadão moçambicano; história da luta do povo moçambicano; história da luta de libertação nacional na tentativa de nos reencontrarmos de novo.

Todos nós estamos vivendo aqui momentos angustiantes; momentos emocionantes; momentos dramáticos, são páginas da nossa história, páginas feitas pelos homens moçambicanos. Estamos a falar da coragem do nosso povo, estamos a falar do heroísmo do nosso povo, estamos a falar da resistência secular do nosso povo, estamos a falar da luta do nosso povo, estamos a falar do sofrimento, estamos a falar da opressão, estamos a falar da dominação. Mas sobretudo estamos a falar da vitória do nosso povo, vitória contra todas as vicissitudes, intempéries, obstáculos. Quando falamos da coragem, do heroísmo, quando falamos da determinação inabalável do nosso povo, falamos também da traição, falamos também da traição.

Tentámos compreender a trajectória de cada um de nós, o caminho que cada um de nós percorreu na certeza absoluta de que, seremos aquilo que não fomos capazes de ser. Na tentativa de despirmos a carga impura; rejeitarmos as ideias derrocionistas reaccionárias; na tentativa de revigorarmos o nosso espírito para futuros combates, para futuras batalhas, quer dizer, estamos a organizar a futura batalha, a nossa futura vitória.

Estamos a organizar-nos de forma política, de forma económica, de forma militar, fundamentalmente de forma ideológica, para forjar a consciência dos homens, produzirmos o homem novo, o homem capaz de representar o génio do nosso povo.

A nossa história é longa e, são lições que aqui estamos a receber, é educação política. É uma experiência rara, é uma ocasião rara. Este encontro ficará marcado na história da nossa vida, na história da pátria moçambicana.

O que nós queremos é que saíamos daqui patriotas com sentido agudo de patriotismo; sentido agudo de responsabilidade e sobretudo quando estamos nos nossos sectores respectivos, sobretudo quando realizamos as tarefas nos sectores económicos e no aparelho de Estado, em qualquer actividade económica sejamos responsáveis.

O que produzirmos é para nós. Quando produzirmos pouco é esse pouco que vamos receber. Quando produzirmos muito, muito e melhor, então receberemos muito e melhor também. É uma lição o que se passou aqui dentro. Lição filosófica, lição de história, lição económica. Mas estas lições devem ser aplicadas nos nossos sectores de trabalho.

Ninguém nasceu perfeito, ninguém cresceu perfeito; crescemos todos com vícios e defeitos.

Os homens não são imutáveis, no processo das nossas actividades, no processo do nosso trabalho transformamo-nos.

Já os filósofos falaram do papel do trabalho na transformação do macaco em homem.

Ontem e hoje escrevemos algumas páginas belas aqui. Mas não podemos encerrar a reunião. Eu penso que este é o sentimento geral de todos nós, de todos nós aqui.

Muitos ainda não falaram, muitos ainda não falaram e são parte integrante do povo moçambicano.

A libertação tem de ser total, a libertação do nosso corpo. Não podemos viver tranquilos enquanto uma parte do nosso corpo viver oprimida. Quando não participámos plenamente nesta alegria da Independência. Em Junho, vamos celebrar 7 anos da independência, em 25 de Junho vamos celebrar o vigésimo aniversário da fundação da nossa Frente de Libertação de Moçambique, instrumento que derrotou o colonialismo no nosso País.

Nós vamos interromper a reunião. A nossa vontade era que durasse segunda-feira até domingo. Uma semana inteira a falarmos. Congratulamos os que falaram abertamente, que foram directamente aos problemas, os que falaram frontalmente; que aceitaram ir ao espelho.

Os nossos antepassados não tinham espelho. Vestiam-se de peles e depois consultavam-se uns aos outros. Não devemos ter medo de crítica e autocritica. Quando nós vamos ao espelho é para a crítica. A crítica constrói-nos; fortalece a nossa moral; fortalece o nosso pensamento; fortalece a nossa personalidade; consolida o nosso orgulho; o orgulho patriótico.

Temos um programa inadiável amanhã; o Governo tem um programa inadiável amanhã. E temos algumas tarefas que vão exigir a interrupção talvez por duas semanas, talvez de duas semanas. São tarefas inadiáveis, mas queríamos que entretanto se sentissem homens moçambicanos. Tranquilos. Trabalhem tranquilos estas semanas em que vamos interromper, temos que realizar outro trabalho. Mas nós concluiremos esta reunião, concluiremos, esta é a nossa tradição.

Entretanto queremos que todos os cidadãos se sintam tranquilos; se sintam galvanizados na tarefa da reconstrução nacional e participem de todo o espírito, na defesa da nossa independência, na defesa da nossa soberania, na defesa do nosso Estado.

Por isso, meus amigos, vamos interromper mas anunciaremos de novo quando é que nos vamos encontrar. Mas fazemos este apelo: sintam-se tranquilos!

Ontem quando entrámos aqui perguntámos: «Senhores comprometidos ou compatriotas?» Vocês escolheram — compatriotas. Assim estou a dirigir-me aos compatriotas para que compreendam as nossas dificuldades. Está aqui o Governo concentrado e há trabalho inadiável. Por isso vamos interromper durante algumas semanas. Mas depois saberão, porque vamos anunciar, porque é que adíamos. Temos outras tarefas que não podemos adiar.

Muito obrigado pela participação. Este ambiente em que estamos a viver é uma escola. Escola nova. Os colonialistas portugueses não vos podiam proporcionar este tipo de escola. Não podiam, porque eles tinham a consciência de que vocês eram inimigos deles. Tinham essa consciência.

Destruíram-vos; destruíram a vossa personalidade, mas não vos fizeram portugueses. Vocês permanecem moçambicanos. É essa a personalidade que deve ser restituída. É essa a dignidade que deve ser restituída. É essa a honra que deve ser restituída a todos moçambicanos do Rovuma ao Maputo.